

## CONDIÇÃO PÓS-MODERNA: ALGUMAS REFLEXÕES

Henrique Alckmin Prudente

*Sem os punhos de ferro da modernidade,  
a pós-modernidade precisa de nervos de aço.*

Zygmunt Bauman<sup>1</sup>

*Condição Pós-Moderna* é uma obra clássica do geógrafo David Harvey<sup>2</sup>. Não se trata de um trabalho de pesquisa, denso por sinal, centrado em uma mudança de paradigmas na passagem da modernidade para a pós-modernidade e sim de uma abordagem de práticas e instrumentos ligados a um contexto socioeconômico. Contexto este que desponta em fins do século XIX, no momento em que o capitalismo industrial assenta suas bases nas economias clássicas na Europa e na América, até o início do presente século, com o advento da era da informação, conforme terminologia empregada por Manuel Castells,<sup>3</sup> estabelecendo conexões com as práticas culturais.

A obra é dividida em quatro partes, quais sejam:

- Parte I: Passagem da modernidade para a pós-modernidade na cultura contemporânea;
- Parte II: A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX;
- Parte III: A experiência do espaço e do tempo e,
- Parte IV: A condição pós-moderna.

Busca-se aqui apresentar uma breve síntese de alguns conceitos que tonificam este trabalho, agregando pontos de vista acerca das principais formulações do autor a começar pela abordagem da arquitetura como uma das facetas da pós-

---

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 259.

<sup>2</sup> David Harvey nasceu no Reino Unido em 1935. É professor do Departamento de Geografia e Engenharia Ambiental da Universidade Johns Hopkins, Membro do Conselho de Pesquisa Universitário do St. Peter's College e Pesquisador Visitante da Universidade de Oxford. Atualmente trabalha com diversas questões sobre sustentabilidade e geografia urbana.

Alguns livros publicados:

*Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

*Espaços de Esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

*O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

<sup>3</sup> CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

modernidade enquanto um atributo que demarca uma crítica dos planos urbanos racionais. Um exemplo é o apontamento dos projetos de revitalização do centro de Paris, sem mencionar a discussão em torno da construção da pirâmide do Museu do Louvre, intervenção que causou grande polêmica. A crítica que se faz é direcionada contra a austera estética funcionalista nos projetos racionalizados, característicos do modernismo. Uma preocupação do autor também se encontra presente através de uma análise centrada na Geografia perceptiva por meio da valorização das paisagens e da estética dos lugares.

Tendo como cenário o modo de produção capitalista, David Harvey trabalha com tenacidade apontamentos através das categorias do materialismo histórico-dialético para demarcar as transformações que ocorrem principalmente em relação às inovações tecnológicas e aos movimentos populacionais, motivados pela mecanização do campo, que fomentaram a urbanização e o conseqüente crescimento das áreas urbanas.

Estes processos estão intimamente relacionados com os expedientes da acumulação do capital e com a geração da *mais-valia* em escalas marcadamente globais. Estes mesmos processos encontram-se permeados pela apropriação do trabalho por intermédio do capital através das constantes e aprimoradas formas de transformação das matérias-primas em bens de consumo.

È a partir deste ponto que podemos inserir as formulações acerca do fordismo, etapa de clara racionalização não apenas da planta industrial, através da qual se dá a produção em massa e o consumo em massa. Henry Ford oferece ao trabalhador o salário pago e o tempo necessário para o pleno consumo, criando condições para a realização do desejo do consumidor e alargando a base da demanda, necessária à plenitude do mecanismo de acumulação, conformando um movimento quantitativo. Alan Sugar, presidente da Amstrad Corporation, empresa do complexo industrial militar estadunidense, anos depois durante a década de 1970 em plena Guerra Fria, afirma: “*se houvesse mercado de armas nucleares portáteis produzidas em massa, nós também as venderíamos.*”<sup>4</sup>

Ao promover a inserção dos trabalhadores na esfera do consumo o fordismo sacramentou fundamentos importantes no que concerne aos mercados culturais por

---

<sup>4</sup> Página 317.

meio da mercadificação da cultura e da indústria cultural, objeto de análises mordazes de certos setores da Escola de Frankfurt.

Os anos 20 do século passado trazem à América do Norte grande otimismo na economia movido pelo motor à combustão que dá os primeiros passos nas instalações fabris de Michigan, articulando toda a complexa cadeia produtiva do petróleo desde a prospecção até a distribuição nos primeiros postos de combustível.

A Nova York deste momento retrata a efervescência cultural, reproduzindo sobremaneira suas características no campo das artes e espetáculos, destacando-se ainda as grandes estruturas formais urbanas, como o *Empire State Building*, a *Radio City* e o *Rockefeller Center* entre outras, e a instalação dos fixos, destacando-se a conexão dos trens de subúrbio com o avanço das redes de metrô, tendo a *Broadway* como um dos mais significativos símbolos deste cosmopolitismo ocidental.

O alargamento da demanda cultural é acompanhado pelo planejamento burocrático e racional do Estado keynesiano, necessário na intervenção e na regulação da economia através da criação dos instrumentos de política econômica, sobretudo após a Crise de 1929, calcada no excesso de oferta de crédito, na crise da superprodução e na grande especulação financeira.

Neste cenário Harvey pontua a ascensão econômica e política dos Estados Unidos como potência global, principalmente no período entre as duas grandes guerras, em paralelo à edificação do mercado global de consumo. Neste período as relações de poder se dão em patamares da ordem bipolar durante o período conhecido como Guerra Fria (1945-1989)<sup>5</sup>.

Durante os anos 60 emergem as práticas contraculturais e as construções de críticas importantes acerca de alguns dos expedientes calcados na expansão capitalista após a II Guerra Mundial. O grupo musical *The Doors* começa a se apresentar em pequenos bares e em casas noturnas de Los Angeles e, mais tarde,

---

<sup>5</sup> Há divergências quanto ao exato início da Guerra Fria. Alguns historiadores demarcam o ano do Bloqueio de Berlim, 1948, e outros o fim da II Guerra Mundial (1945). Em relação ao término, Eric Hobsbawm assinala que em 1986, com os acordos de desarmamento nuclear firmados entre Estados Unidos e União Soviética, já havia sinais claros da crise desta ordem de poder global, embora dois momentos posteriores tenham sido cruciais: 1989, com a queda do Muro de Berlim, e 1991 com o fim da União Soviética.

Ver: HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – 1914-1991 – O breve século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

em toda a Costa Oeste, trazendo melodias e letras de cunho emotivo, existencial e metafísico.

Alguns destes expedientes do capitalismo encontram-se plenamente articulados com o consumo de bens não duráveis e, mais do que isto, com a propagação da emergente e expansiva indústria cultural, sobretudo no campo cinematográfico (caso do “*Happy End*” e dos famosos “enlatados”) e televisivo.

O modelo fordista encontra significativo obstáculo nos anos 70 devido ao choque do petróleo, que condiciona alguns estados nacionais a recomporem suas reservas de capital, abdicando de políticas sociais e abrindo brechas para a instauração da doutrina neoliberal. Atrelado a isto Harvey aponta para um momento de inovação em vários campos da vida cultural, econômica e social.

A acumulação flexível, acompanhada- do emprego da tecnologia agregada ao conhecimento e à qualificação da mão-de-obra, compõe um novo cenário de divisão internacional do trabalho em escala global, no qual os países desenvolvidos passam a oferecer requisitos locacionais vantajosos, fabricando produtos tecnológicos com alto valor agregado. Despontam-se os setores econômicos da terceira revolução industrial, articulados com as implementações no campo dos transportes, dinamizando as articulações entre as unidades de gestão e de produção.

Concomitantemente o modelo toyotista, ao agregar o conhecimento, elabora novas implicações nos mecanismos de dispersão das indústrias, criando novas regiões econômicas funcionais e “esvaziando” áreas clássicas, como ocorreu na cidade de Flint.<sup>6</sup> O fato é que a industrialização plena já não garante mais a efusiva oferta de mão-de-obra como outrora, durante a industrialização clássica até a primeira metade do século XX. Juntamente com a questão da mercadificação da cultura, aparece a emergência do segmento de serviços e, conseqüentemente, o turismo, este como atividade global que preenche a lacuna das horas vagas disponibilizadas graças à alta composição orgânica do capital nos estabelecimentos industriais.

Instauram-se novas modalidades de trabalho, novos tipos de produtos e novos níveis de consumo, atributos que passam pela influência de uma nova compreensão da dinâmica espaço-tempo.

O tempo de giro, definido como “a velocidade com que os dispêndios de dinheiro produzem lucro para o investidor”<sup>7</sup>, revela-se um conceito lapidar visto que é continuamente encurtado. Os circuitos financeiros do capital, dispersos espacialmente, mas conectados graças às novas tecnologias de informação instantânea, constituem-se em atributos muito importantes na reprodução do capital, gerando a superacumulação, expediente presente na pós-modernidade.

Para Harvey aí se encontra um problema para o fordismo, ou seja a incapacidade, em certa medida, desta plataforma operacional de lidar com o problema da superacumulação tendo em vista a égide do Estado keynesiano. O tempo de giro reduz não apenas no circuito produtivo mas, também no circuito especulativo.

Esta redução não opera somente no campo do lucro mas no campo do consumo. Tem-se a necessidade imperiosa de se reproduzir os espaços da fruição da mercadoria, atrelados ao setor terciário da economia. Na pós-modernidade, além da emergência do chamado capital fictício ou especulativo, Harvey utiliza a expressão “economia de cassino” para retratar a fluidez e a volatilidade com que o capital se move, de um lugar a outro, sem compromissos mais sólidos com determinados territórios ou lugares.

A análise das categorias do espaço e do tempo na vida social visa sedimentar alguns dos mais importantes vínculos presentes nos modos de produção: as práticas e processos materiais tendo em vista a reprodução da vida social, variando conforme aspectos geográficos e históricos.

As sociedades modernas apresentam uma concepção de tempo que se alinha aos movimentos cíclicos e repetitivos, muitos deles vinculados com a agenda semanal, por exemplo, demarcando sensação de segurança e de “avanço” na medida em que os dias, as semanas e os meses do ano vão sendo vividos. Neste tempo cíclico encontra-se o tempo da família e o tempo individual que, para Harvey, é o tempo de acumulação do capital.

O geógrafo inglês contesta a neutralidade da prática, tanto temporal como espacial, pois sempre estarão munidas de significado expresso por meio de

---

<sup>6</sup> Ver o documentário *Roger and Me*, acerca da saída da General Motors de Flint, Michigan, EUA, deixando a cidade literalmente abandonada e causando recessão e desemprego estrutural.

<sup>7</sup> Página 171.

conteúdos que variam conforme se alternam os interesses das classes sociais. O autor sustenta que o tempo e o espaço assumem importância na configuração de estratégias de reprodução da *mais valia*, passando pela produção de bens de consumo, acelerando o ritmo de vida, em conformidade com o sistema capitalista.

Neste sentido o poder social está centrado no tempo, no dinheiro, no domínio do espaço e na acumulação, conforme assinala Henri Lefebvre quando da argumentação de que o domínio racional do espaço gera uma fonte “*de poder social sobre a vida cotidiana.*”<sup>8</sup>

O discurso da eficiência passa a legitimar uma série de práticas cotidianas situadas junto ao consumo, ao mesmo tempo em que a racionalização da organização espacial implica em queda de “barreiras espaciais”,<sup>9</sup> possibilitando a aniquilação do espaço através do tempo.

No âmago da oposição entre o Ser e o Via-a-Ser, ou seja entre as categorias do tempo e do espaço, a vanguarda emerge nas artes como prática cultural. Baudrillard assinala a importância da análise do pensamento de Marx quando este analisa a produção de signos, imagens e sistemas de signos e não das mercadorias.

Assim há fluidez nos mecanismos de produção cultural, calcados no trabalho repetitivo e seriado. Tem-se o conceito de “simulacro”,<sup>10</sup> a cópia perfeita, importante para análise da aceleração do tempo de giro das mercadorias com destaque para a efemeridade da indústria, apropriada pela mídia.

A estética e a cultura são aspectos que se interagem com a experiência humana e que vão gerar interfaces com a prática política por meio das estratégias de marketing, trabalhando as representações. Um exemplo clássico no caso norte-americano é o mito do caubói texano vivido, por exemplo, pelo ator Chuck Norris no seriado “*Walker Texas Ranger*”,<sup>11</sup> mas também representado pelo político que restaura o “orgulho”, principalmente ao qualificar o adversário como “império do mal”; referência ao presidente-ator Ronald Reagan em seus dois mandatos (1981-1988). Imagina-se o que teria escrito Harvey no livro em questão a respeito da eleição do “exterminador” Arnould Schwazenegger para o governo da Califórnia?

---

<sup>8</sup> Página 207.

<sup>9</sup> Página 212.

<sup>10</sup> Página 261.

<sup>11</sup> Qualquer referência ao presidente George Walker Bush, ex-governador do Texas, não é mera coincidência.

A “aura” do poder político, recorrendo a um conceito de Walter Benjamin, é constituída pelo carisma, pela representação ou teatralização do personagem “político”, o que se torna muito freqüente durante as campanhas eleitorais, em especial nas convenções partidárias e nos debates em rede nacional.<sup>12</sup> Trata-se de um fator preponderante para a manutenção do poder.

Algumas facetas da pós-modernidade passam a permear o espaço urbano como a cultura *yuppie*, qualificada de “pequena nobreza”,<sup>13</sup> assim como o trabalho imaterial, recentemente objeto de estudo da Geografia Humana, tão bem representado pela moda e pelo *design*, passando ainda pelo campo do desenho industrial. São aspectos que tonificam a qualidade de vida urbana agora estabelecida nas megacidades, cada qual com mais de 20 milhões de habitantes.

O sistema de reprodução cultural, outrora singular e permanente, permite instantaneamente a livre transitoriedade de imagens, processo calcado no denso potencial de reprodutibilidade e de velocidade dos meios digitais e na crescente capacidade de armazenamento dos equipamentos. Em um diálogo com Benjamin, Harvey problematiza a “*democratização da cultura*” como mais um expediente do uso repressivo dos meios de comunicação articulados com os sistemas de poder.

---

<sup>12</sup> Um dos mais célebres exemplos foi o primeiro encontro de candidatas a presidente dos EUA na TV, protagonizado por John Kennedy e Richar Nixon, sendo que o primeiro se sai melhor o que, sem dúvida, contribuiu para decidir a eleição a favor do candidato democrata.

<sup>13</sup> Página 300.

### Referência

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2001, 10ª Edição.

